

O CONTEXTO DA PRAGMÁTICA

Jair Antonio de Oliveira*

Resumo: A “dependência do contexto” é um dos pontos centrais nas várias abordagens pragmáticas (o estudo da linguagem do ponto de vista de seus usuários). Mas, verifica-se que os requisitos básicos para se constituir uma noção de contexto não são absolutamente determináveis, embora afetem de forma relevante todas as formas de interações. É necessário, portanto, alterar a perspectiva em que a noção é tradicionalmente encarada.

Abstract: The dependence from its context is one of the central points in many pragmatic boardings (the language study from the point of view of their users). But the basic requirements to establish a notion of context aren't absolutely determined, although affect in a considerable way all forms of interactions. Thus, it is necessary to change the perspective that the notion is traditionally considered.

Palavras-chave: pragmática, contexto, dependência, interação

Key words: pragmatics, context, dependence, interations

1. A Pragmática

Há muitas definições de pragmática. Para os nossos propósitos, adotaremos a sugestão de Crystal: “A pragmática é o estudo da linguagem do ponto de vista de seus usuários, particularmente das escolhas que eles fazem, das restrições que eles encontram ao usar a linguagem em interações sociais, e dos efeitos que o uso da linguagem, por parte desses usuários, tem sobre os outros participantes no ato da comunicação.”¹

Nesta perspectiva, iguala-se *uso lingüístico* com *uso comunicativo*, e identifica-se a pragmática com uma explicação da inter-relação existente entre a linguagem e a situação comunicativa em que esta é tipicamente usada.

É crível, por exemplo, que todo o comportamento em uma situação interacional tenha o valor de mensagem, e desta forma possa ser enquadrado como

* Universidade Federal do Paraná.

¹ CRYSTAL, David. *A dictionary of linguistics and phonetics*. 2. ed. Oxford: Blackwell, 1985. p. 240.

um ato proposicional. Obviamente, há determinados comportamentos psico-patológicos que, embora tenham o valor de mensagem, não são propositais. Isto aplica-se tanto para o discurso como para os aspectos não-verbais da comunicação, garantindo para o binômio “produção-interpretação” a *idéia de visar finalidades*.

No entanto, ao invés desta hipótese garantir o axioma da “impossibilidade da não-comunicação”, a complexidade dos organismos individuais, com suas incontáveis redes de crenças e multiplicidade de objetivos, representa a “possibilidade da não-comunicação” como regra, e não como exceção!

É claro que a “possibilidade da não-comunicação” como regra não significa simplesmente “incomunicabilidade”. Apesar da relativa vagueza das palavras, as pessoas se comunicam, mas o sucesso de tal empreendimento está fortemente ligado à justeza do acordo interpessoal sobre o uso e o sentido dos termos empregados neste ou naquele contexto.

Qualquer acordo nesta direção deve ressaltar a dependência contextual dos relatos e transcender a idéia de que a conversação é uma seqüência de pares concatenados de linguagem. Com isto, converge-se para um percurso não-linear e contraditório para as interações, onde há um constante intercâmbio com outros contextos, nem sempre “ao redor” dos interlocutores, tais como: o histórico, social, psicológico, existencial etc.

Um macrocontexto para as interações não está imune aos problemas, a razão é que é impossível investigar e resgatar todas as crenças, objetivos e pressuposições envolvidas, e fazer todas as inferências necessárias para se compreender tudo o que está sendo dito ou escrito em dado momento.

Assim, o passo fundamental para uma aproximação com as condições mais amplas da interação consiste em estabelecer uma reflexão sobre a própria noção de *contexto*.

2. O contexto

O contexto é considerado uma noção essencial para a pragmática. Segundo Dascal e Berenstein², a própria história da pragmática é a história dos múltiplos ca-

² DASCAL, Marcelo; BERENSTEIN, I. Two modes of understanding: comprehending and grasping. [S.l.]: Netherland Institute for Advanced Study in the Humanities and Social Science, [19—]. p. 4.

minhos em que o sentido é dependente do contexto. Ou como ressalta Coulter³: “o contexto é certamente um dos mais amplamente (e largamente injuriado) termos nas ciências sociais”.

Dada a amplitude em que o termo “contexto” é usado e à falta de uma definição consensual a respeito, vamos estabelecer uma analogia entre esta palavra e a figura mitológica chamada Proteu, com o propósito de chegar a uma definição de trabalho. Proteu, filho do oceano, era famoso por suas metamorfoses, e tomava a forma que desejasse de acordo com as circunstâncias e propósitos. Diz a lenda que para fazê-lo falar era preciso surpreendê-lo em pleno sono e amarrá-lo de maneira que não pudesse escapar⁴.

O contexto, encarado de forma “proteica”, deve ser visto diferenciadamente em cada linguagem e resistindo firmemente às tentativas de ser aprisionado (confinado em um conceito estático). Transforma-se acompanhando os movimentos conversacionais, e a exemplo de Proteu, pode parecer um espectro (*spectru*), um espelho (*speculu*) ou especular (*speculare*). Isto é: hora é evanescente, como um fantasma, desaparece e aparece, nem sempre com a mesma forma. Algo imaginável, uma sombra, imaterial. Hora é uma representação, um reflexo. Ou, uma ação.

Quer dizer, a idéia de contexto é a de tudo aquilo que circunda os interlocutores, mas estes limites são plásticos. Portanto, este ambiente é dinâmico e estende-se para esta ou aquela direção de acordo com o que é *dado* ou *escolhido* a cada momento pelos participantes da interação. Em si, o contexto é uma abstração, e os indivíduos estarão focalizando a sua atenção e levando em conta os fatores situacionais (rituais próprios da interação, fatores sociais e culturais), psicológicos, crenças e propósitos.

Em seu aspecto mais genérico, o contexto como ambiente circundante é criado pelos discursos da sociedade onde operam os usuários. As diferenças individuais irão restringir ou ampliar o acesso a estes discursos, chamados por Mey⁵ de a “Fábrica da Sociedade”. É possível, então, afirmar que a idéia da metamorfose está associada à de ambientes “mais” ou ambientes “menos” saturados de informações relevantes para *dada* situação de compreensão e interpretação.

Obviamente, isto não restringe a noção de contexto ao conhecimento de

³ COULTER, Jeff. Is contextualising necessarily interpretative? *Journal of Pragmatics*, v. 21, p. 689, 1994.

⁴ CHOMPRÉ, A. *Dicionário da fábula*. Rio de Janeiro: F. Briguier, 1938. p. 388.

⁵ MEY, Jacobs L. *Pragmatics: an introduction*. Cambridge: Basil Blackwell, 1993.

mundo dos indivíduos. Tal comportamento é parcialmente compartilhado pelos interlocutores e importante quando se trata da previsibilidade/imprevisibilidade das informações. Mas, nem o contexto se reduz ao conhecimento de mundo, como o conhecimento de mundo não se reduz a esta dualidade informativa. “Contexto é muito mais que um problema de referência e de entendimento do que as coisas são. Contexto é algo que dá aos nossos enunciados a sua ‘verdade’ mais profunda (*‘verdade’, não em seu sentido filosófico*)”⁶.

Por exemplo, é possível conjecturar as seguintes situações:

Situação 1:

A e sua esposa B estão esperando o ônibus circular defronte ao presídio do Carandiru. Conversam sobre assuntos triviais. Repentinamente, A, olhando fixamente para os portões do presídio pergunta:

(1) A: Seu pai ainda vende terrenos na periferia?

Situação 2:

A e sua esposa B estão em sua casa. É domingo. A tem nas mãos o caderno imobiliário de um jornal. Repentinamente pergunta:

(2) A: Seu pai ainda vende terrenos na periferia?

Embora seja a mesma sentença, (1) e (2) têm sentidos pragmáticos totalmente diferentes de acordo com o contexto em que são produzidas e os variados propósitos envolvidos. Digamos que B, no exemplo (1), acompanhando o olhar do marido em direção aos portões do presídio responda:

(1)’ B: Vamos ter que ajudá-lo.

Ou no exemplo (2), B, responda:

(2)’ B: Vamos ter que ajudá-lo.

Em (1)’ a resposta de B está de acordo com a intenção comunicativa de A, provavelmente captada a partir do ato explícito de olhar fixamente para o presídio. Quer dizer, há o auxílio de pistas extralingüísticas, evocadas de forma clara pelo interlocutor. O mesmo não acontece em (2)’. Não basta A estar com o caderno imobiliário nas mãos, para funcionar como uma pista externa, ou o ambiente descontraído do

⁶ *Idem*, p. 39.

lar. Isto porque, embora o cálculo de sentido dependa do contexto, este não se limita aos fatores situacionais. Genericamente, os enunciados produzidos pelos falantes não precisam conter “termos” que gramaticalizem o contexto. Ou seja, “termos” que possam ser identificados como portadores de informações situacionais. No entanto, é preciso que os interlocutores empreguem outros recursos para que os ouvintes alcancem o ponto desejado nas interações. As pistas são essenciais e não devem ser negligenciadas, mas em caso de familiaridade entre os falantes é possível “ancorar” a conversação em outros aspectos da ampla dimensão em que ocorrem as interações.

A resposta de B em (2') deve ser tratada muito mais na perspectiva da “verdade mais profunda” proposta por Mey, do que a uma falha em B em captar a intenção comunicativa de A, ou dificuldade em levantar as pistas contextuais. B não só focaliza a atenção naquilo que lhe parece mais relevante para o momento, como a sua resposta avança para um novo contexto, destacado do contexto exigido pelo enunciado de A. Não se trata de um caminho linear que possa ser encarado apenas no plano sintático ou semântico. Sim, na abrangência das crenças individuais, onde é possível buscar os pressupostos, pré-conceitos, informações etc, que irão justificar as ações.

Situação 3:

(3) A: Seu pai ainda vende terrenos na periferia?

(3) 'B: Quando é que você vai parar de implicar com papai?

.....Não seja implicante!

.....Pare com isto!

.....Chato!

Mesmo sem especificar a localização espaço-temporal e as evidências contextuais onde ocorre esta troca comunicativa, é possível supor que as respostas de B neste caso dependem muito mais do conhecimento compartilhado das crenças de A, implicadas a partir de uma espécie de “contexto psicológico” (naturalmente uma abstração, mas como noção de trabalho incorpora os estados mentais responsáveis por programas de ação ou interação⁷) do que de um elenco de pistas e condições materiais disponíveis no momento. À medida em que as respostas de B tornam-se mais incisivas e grosseiras, é possível aceitar como uma maior aproximação com as crenças motivantes de A.

Logicamente, tais suposições podem estar equivocadas, pois não há um “fine

⁷ PARRET, Herman. *Enunciação e pragmática*. Campinas : Unicamp, 1988. p. 20.

nose” (uma alusão à idéia de que a descoberta dos efeitos da linguagem depende de um “bom faro”, feita por Dascal⁸) que tudo capte.

De qualquer forma, a idéia de um contexto completo (saturado), apto a fornecer todas as pistas e determinações exigidas em uma situação comunicativa, e que esteja à disposição (ao redor) dos interlocutores é uma abstração, semelhante ao mapa citado por Borges⁹.

(...) naquele império, a arte da Cartografia alcançou tal perfeição que o mapa de uma só província ocupava toda uma cidade e o mapa do império toda uma província. Com o tempo, esses mapas desmensurados não satisfaziam mais e os Colégios de Cartógrafos levantaram um mapa do império que tinha o tamanho do império, e coincidia exatamente com ele.

A metáfora borgeana é semelhante à idéia atualmente difundida que tecnicamente, pelo fato da interligação global de todas as máquinas no “ciberespaço”, há um imenso “hipertexto vivo” compartilhado por todos os integrantes das interações. Virtualmente, o hipertexto corre em todas as direções e constitui uma forma de macro-contexto saturado de elos (*links*) que permitem aos usuários saltar de uma informação para outra indefinidamente. Neste macro-contexto, os usuários podem mesclar informações de naturezas diferentes: imagens, sons, texto, animação, seja como meio de contato, conexão com outras mensagens, explicações, complementos etc. Teoricamente, neste ponto, não há mensagens fora de contexto, ou seja: separadas dos usuários da linguagem, pois estes dispõem da “rede” como um contexto circundante.

Tal macro-contexto parece a redenção pragmática voltada para o uso comunicativo e o fim das ambigüidades: os usuários “saltam” de uma fonte (contexto) para outra, de uma mídia para outra, para organizar, produzir e entender as relações interativas. Até a configuração desses “jumpings” reproduz, ainda que precariamente, a dinâmica dos processos cognitivos globais, entendidos como forma de “organizar o conhecimento convencional de mundo em conjuntos bem interligados” (Garrafa, 1987, *apud* Koch¹⁰).

No entanto, apesar de o hipertexto se apresentar como um cenário da diversidade humana, e estar em permanente alteração (como Proteu), encerra seu próprio paradoxo. Isto é: exatamente neste ambiente virtual impregnado de contextos, é que o texto perde o vínculo com a cultura em que surgiu!

⁸ DASCAL, Marcelo. *Pragmatics and the philosophy of mind I*. Amsterdam : Benjamins, 1983.

⁹ BORGES, Jorge Luís. *Obras completas*. Buenos Aires : Emecé, 1974. p. 847.

¹⁰ KOCH, Ingedore ; TRAVAGLIA, L. C. *Texto e coerência*. São Paulo : Cortez, 1989. p. 64.

Neste ponto, esta reflexão também aponta a sua contradição fundamental, ou seja:

a) descartamos a possibilidade de um contexto estático saturado (completo) circundando os interlocutores;

b) apontamos para uma noção dinâmica, plástica e “proteica” de contexto de acordo com o que é *dado* ou *escolhido* pelos interlocutores, durante a interação;

c) uma noção dinâmica (proteica) de contexto, que acompanhe os movimentos conversacionais, vai estabelecer rupturas entre o que é *dado* e o que é *escolhido* pelos interlocutores. Ou seja: a amplitude do cenário abre muitas linhas possíveis de inferências. Há muitos “ganchos” que aparentemente podem preencher o espaço conversacional, mas são fragmentos, “(...) nestas circunstâncias, as palavras encontram-se gastas e exauridas. Usadas indiscriminadamente nada significam, como meros envólucros. Mascaram, como um truque, uma armação (...)”¹¹. Quer dizer, a necessidade de buscar indefinidamente um sentido, uma resposta, uma conexão, um “lastro” para as interações verbais-orais ou escritas, leva os interlocutores a preencher *gaps*, substituir o que falta, sem que se saiba para quem e para quê “(...) o momento em que as definições começam a se fragmentar e os signos flutuam independentemente de seus referentes”¹².

3. O “lugar” do contexto

Ainda assim, é necessário postular o “lugar do contexto” pragmático. Invocando a postura defendida pelos “desconstrucionistas”, é possível afirmar que todo signo, lingüístico ou não, encontra-se em uma situação de ruptura com o contexto dado, e que não deve nenhum respeito ao autor. Este movimento de ruptura engendra novos contextos ao infinito. Derrida¹³ diz: “(...) isto não supõe que a marca valha fora do contexto mas, ao contrário, que só existem contextos sem nenhum centro absoluto de ancoragem”.

O respeito e o “lugar” do contexto que se está buscando para a pragmática nesta incursão não tem nada a ver com a idéia de “centro absoluto de ancoragem”.

¹¹OLIVEIRA, Jair Antonio de. Os pigmalhões pós-modernos. Trabalho de final de curso: “Crítica da Razão Tecnológica”, ministrado pelo prof. Dr. Ciro Marcondes Filho, ECA-USP, 1995. p. 4.

¹²WAKEFIELD, Neville. Postmodernism : the slippery surface. In: _____. *The twilight of the real*. London : Pluto Press, 1990. p. 20.

¹³DERRIDA, Jacques. *Limited Inc*. Campinas : Papyrus, 1990. p. 25.

Especialmente, quando se verifica que os *requisitos* necessários para se constituir uma noção de contexto não são absolutamente determináveis, seja no plano lingüístico ou não-lingüístico. Tais requisitos são incertos, embora afetem de modo não-acidental as faces da cooperação interativa em qualquer instância. Esta contingência é mesma ligada à geometria variada dos propósitos individuais.

Nenhuma destas considerações descarta a idéia de que o contexto é a quintessência da pragmática, no entanto, alteram a perspectiva em que a noção deve ser encarnada, isto é:

- *contexto são dinâmicos* porque estão relacionados às finalidades das ações individuais. Recortes que operam com noções estáticas de contexto são abstrações, e devem ser avaliados a partir dos usos intencionais da linguagem;

- *contextos não têm um centro absoluto de ancoragem* (exatamente porque são proteicos), mas têm centros relativos de apoio. Tais fontes, de acordo com as mediações dos usuários, são hierarquizadas e irão refletir os diferentes níveis durante a produção discursiva;

- *contextos são inevitavelmente macros* quando se trata de interações.

A hipótese de que o “lugar” do contexto da pragmática é uma instância “proteica”, isto é, que expande-se em múltiplas direções e imiscui-se nas dimensões do lingüístico e do não-lingüístico, do locutor e do interlocutor, ultrapassando os limites especificados pelas convenções sociais e culturais, pode ser útil para investigar os complexos usos da linguagem por parte dos indivíduos, inclusive, das restrições que esses indivíduos encontram para se comunicar nas interações.

No entanto, jamais deve se perder de vista a “origem” dos termos, não nos referimos aqui à etimologia, mas como diz Mey¹⁴, “de quem é a linguagem que usamos?” Afinal, as coisas são criadas, e isto inclui os acontecimentos, através da utilização de um vocabulário.

Neste aspecto, ressaltar a dependência contextual dos relatos é levar em conta o conjunto de crenças pervagante no cotidiano, pois somente deste modo é possível chegar a um consenso interpessoal. Este acordo, no entanto, é feito sobre julgamentos e não sobre definições¹⁵.

¹⁴ MEY, Jacobs L. *Whose language: a study in linguistic pragmatics*. Amsterdam : Benjamins, 1985.

¹⁵ FREIRE-COSTA, Jurandir (Org.). *Redescrições da psicanálise* (ensaios pragmáticos). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994. p. 43.

Conseqüentemente, uma situação onde a “possibilidade da não-comunicação” constituir a regra e não a exceção, antes que um distúrbio de qualquer natureza, revela a *in-disposição* dos indivíduos em não buscar o “pano de fundo” das interações, o “lugar” do contexto da pragmática.

Referências bibliográficas

- BORGES, Jorge Luís. *Obras completas*. Buenos Aires : Emecé, 1974.
- CHOMPRÉ, A. *Dicionário da fábula*. Rio de Janeiro : F. Briguiet, 1938.
- COULTER, Jeff. Is contextualising necessarily interpretative? *Journal of Pragmatics*, v. 21, p. 689-698, 1994.
- CRYSTAL, David. *A dictionary of linguistics and phonetics*. 2. ed. Oxford : Blackwell, 1985.
- DASCAL, Marcelo ; BERENSTEIN, I. Two modes of understanding : compreending and grasping. [S.l.] : Netherland Institute for Advanced Study in the Humanities and Social Science, [19—]. 26 p. Texto mimeog.
- _____. *Pragmatics and the philosophy of mind I*. Amsterdam : Benjamins, 1983.
- DERRIDA, Jacques. *Limited Inc*. Campinas : Ppairus, 1990.
- FREIRE-COSTA, Jurandir (Org.). *Redescrições da psicanálise* (ensaios pragmáticos). Rio de Janeiro : Relume Dumará, 1994
- KOCH, Ingedore ; TRAVAGLIA, L. C. *Texto e coerência*. São Paulo : Cortez, 1989
- MEY, Jacobs L. *Pragmatics : an introduction*. Cambridge : Basil Blackwell, 1993.
- _____. *Whose language : a study in linguistic pragmatics*. Amsterdan : Benjamins, 1985.
- OLIVEIRA, Jair Antonio de. Os pigmalhões pós-modernos. Trabalho de final de curso: “Crítica da Razão Tecnológica”, ministrado pelo prof. Dr. Ciro Marcondes Filho, ECA-USP, 1995.
- PARRET, Herman. *Enunciação e pragmática*. Campinas : Unicamp, 1988.
- WAKEFIELD, Neville. Postmodernism : the slippery surface. In:_____. *The twilight of the real*. London : Pluto Press, 1990.

